

O Poeta do Laranjal, por Mateus de Azevedo

Perto do lar há ali um laranjal
Donde abrolham laranjas sem findar,
Fico a admirar, meu vespertino ritual,
É o reino vegetal tão belo pomar.

É lá que habitas, Turdus rufiventris,
É onde tu compões tua perfeição,
Por taxonômico testamento silvestre
Príncipe de todas aves da criação.

Shishya dos védicos vedantas,
Sei que não sofres posto que pias,
Posto que apartas minha agonia
Em de escura lua noites tantas.

Talvez, todavia, não assim o seja.
Gorjeia, quiçá, por padecer sozinho
E, qual ébrio prolonga-se na cerveja,
Gorjear prolonga na solidão do ninho.

À minha inquirição responde, Sabiá.
Poeta não serias como assim este escritor,
Cantor aos homens qual tu à alva flor?
Não seria acaso dor razão deste cantar?

Se lhe é o chorar melodioso canto,
Cada uma de suas porvires torturas
Que tanto quanto teu atual pranto
Abundem em suprema desventura.

Ordeno-lhe pois, Sabiá azarento,
Se é vital o sofrer em avivar o sorriso
Não ei de ser eu a entoar o lamento,
Que sofras tu, posto sorrir preciso.